ANDRÉ SILVA

APANHA-ME SE PUDERES

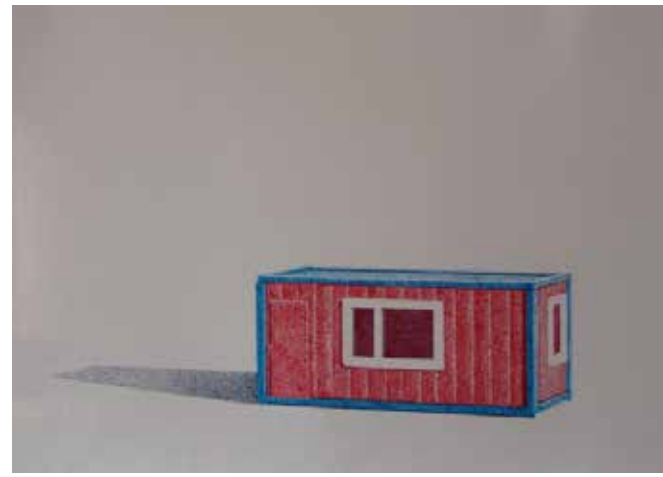
AP'ARTE
GALERIA DE ARTE

APANHA-ME SE PUDERES

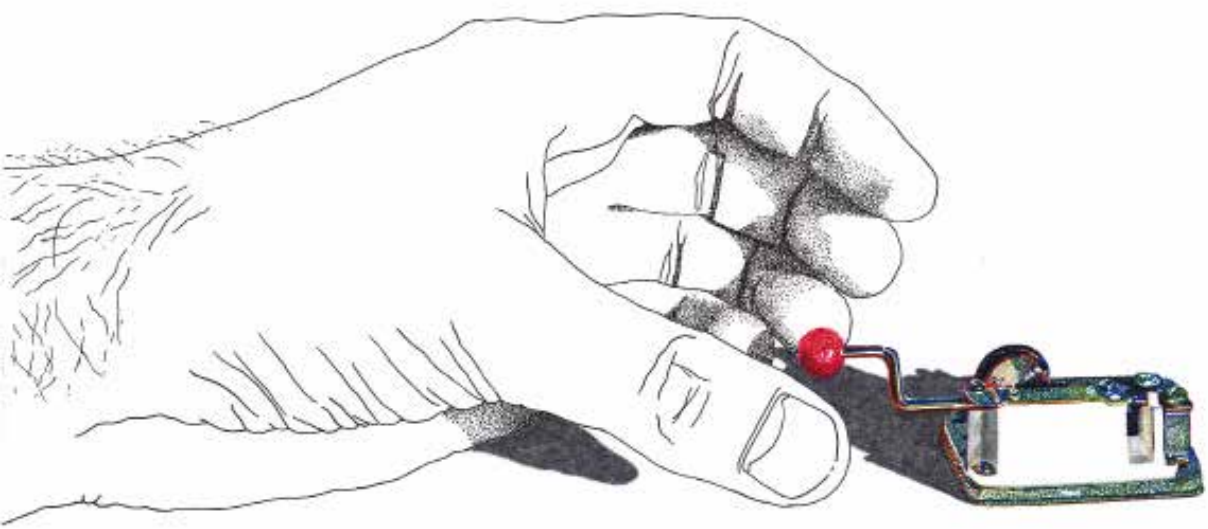
1. Apanha-me se puderes I, 2014, Tinta da china s/ papel, 21x29,7 cm

Imago

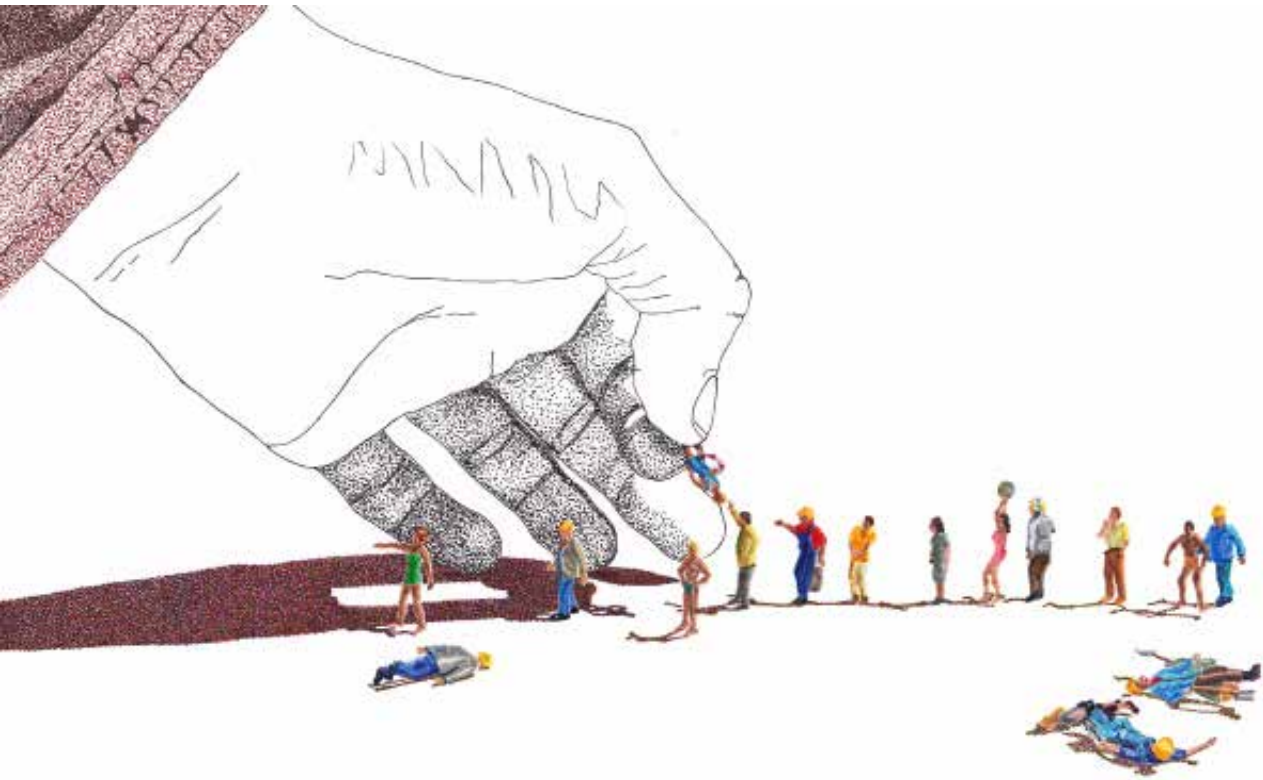
Metamorfose. Estado permanente de tudo o que é vivo e não vivo, do que vê e do que é visto, do que pensa e do que é pensado.
Haverá, certamente, uma altura em que parece a forma ter-se feita inteira, como se fosse a prova da sua natureza, perfeita, acabada. Nesse instante, soltando a larva as suas elaboradas asas, está ela no equilíbrio perfeito entre a ascensão e a decadência da matéria. E é nesse preciso momento, em que parece a coisa ter atingido a sua atureza última – imago – que a coisa, por essa condição imaginal é, exactamente, o fantasma de si mesma.



2. Container, 2013, Tinta da china s/ papel, 29,7x40 cm



3. Apanha-me se puderes II, 2014, Tinta da china s/ papel, 21x29,7 cm



4. Apanha-me se puderes III, 2014, Tinta da china s/ papel, 21x29,7 cm

Entre imagens

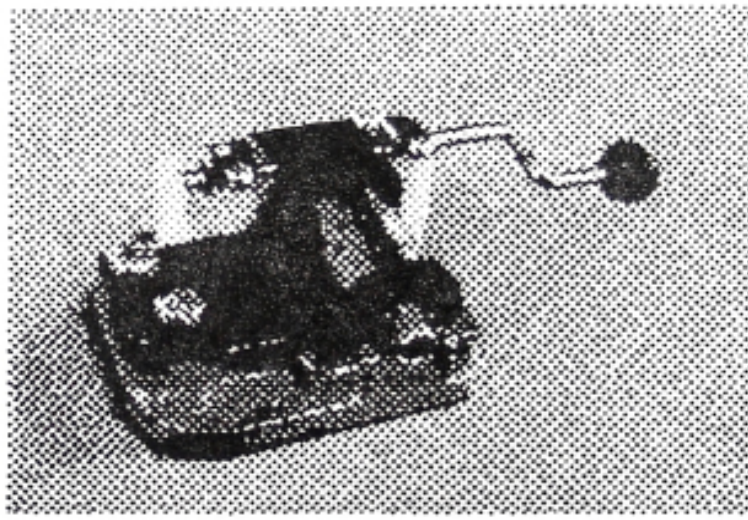
Acontece-nos vermos a toda a hora, mesmo com os olhos fechados. Mas serão de natureza diferente estas visões? Talvez a intenção seja o mais significante nesta questão. Podemos ver involuntariamente (porque os olhos estão sempre a ver); e mesmo quando queremos e voluntariamente vemos acontece, amiúde, que não vemos nada. Quem sabe ver é uma outra coisa e acontece quando aquilo que sabemos das coisas é ultrapassado pela curiosidade em procurar mais além.

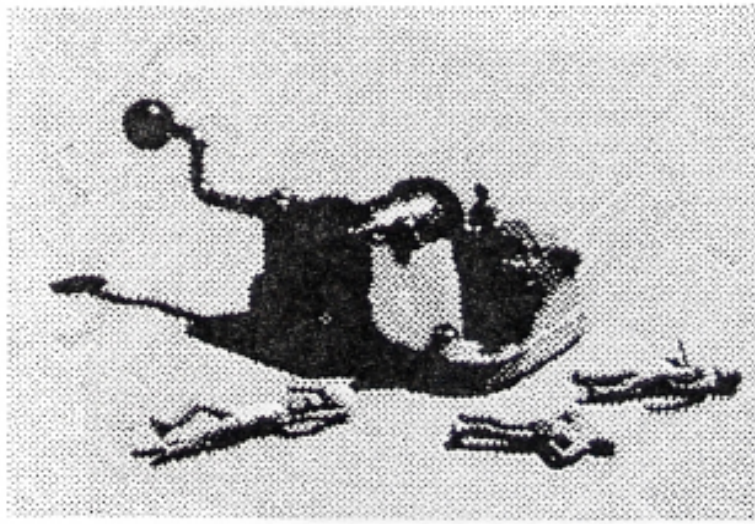
E se hoje nos parece inultrapassável esta condição de estar sempre vendo mesmo não o querendo, talvez vivamos no tempo em que menos vemos realmente.

As coisas apresentam-se-nos de todas as formas e feitios, mas parece, e é apenas uma impressão indelével, que as coisas mesmo tendo sido feitas ou acontecidas com espantosa capacidade de nos maravilhar, se nos andam apresentando flácidas, planas, rasas.
Quem sabe por seu suporte se escusar à coisa inteira e vir em coisas, em si, também planas?

Às vezes, por se nos disporem assim tão assíduas aos nossos olhos parece que as imagens se querem deixar apanhar.
Com ela brincamos às escondidas ou à apanhada e parece que desde sempre foi essa a relação que temos com a imagem. Ela esconde-se por entre os pensamentos, fala ao ouvido das palavras, deixa desejos e sonhos nos olhos e logo se vai, como veio, fugidia, reptícia. E quando nos acontece dizer "apanhei-te" ela se vira e nos diz "agora é a tua vez de te esconderes".

(e entre duas imagens, eis que se ergue um intervalo; e (n)ele um signo – as imagens encontra-se nesse ponto em que o ver entende para elas uma narrativa que as faça chegar umas às outras)

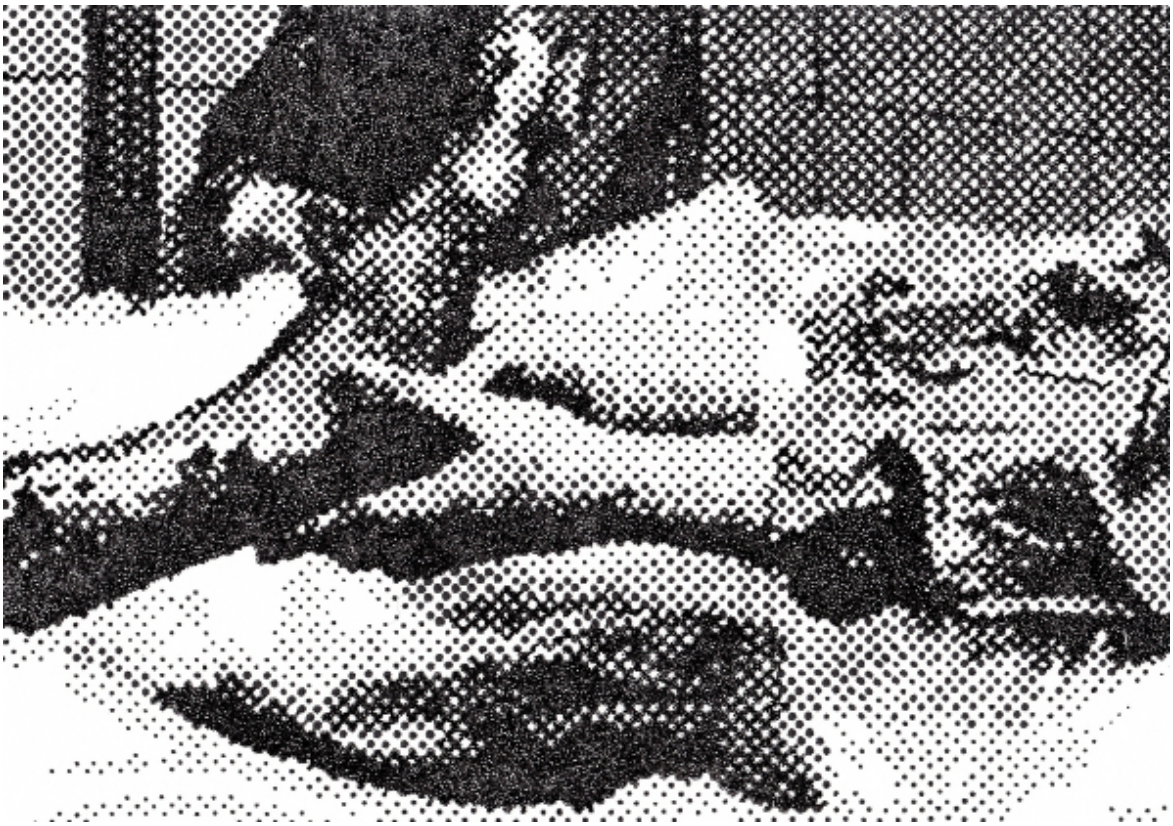




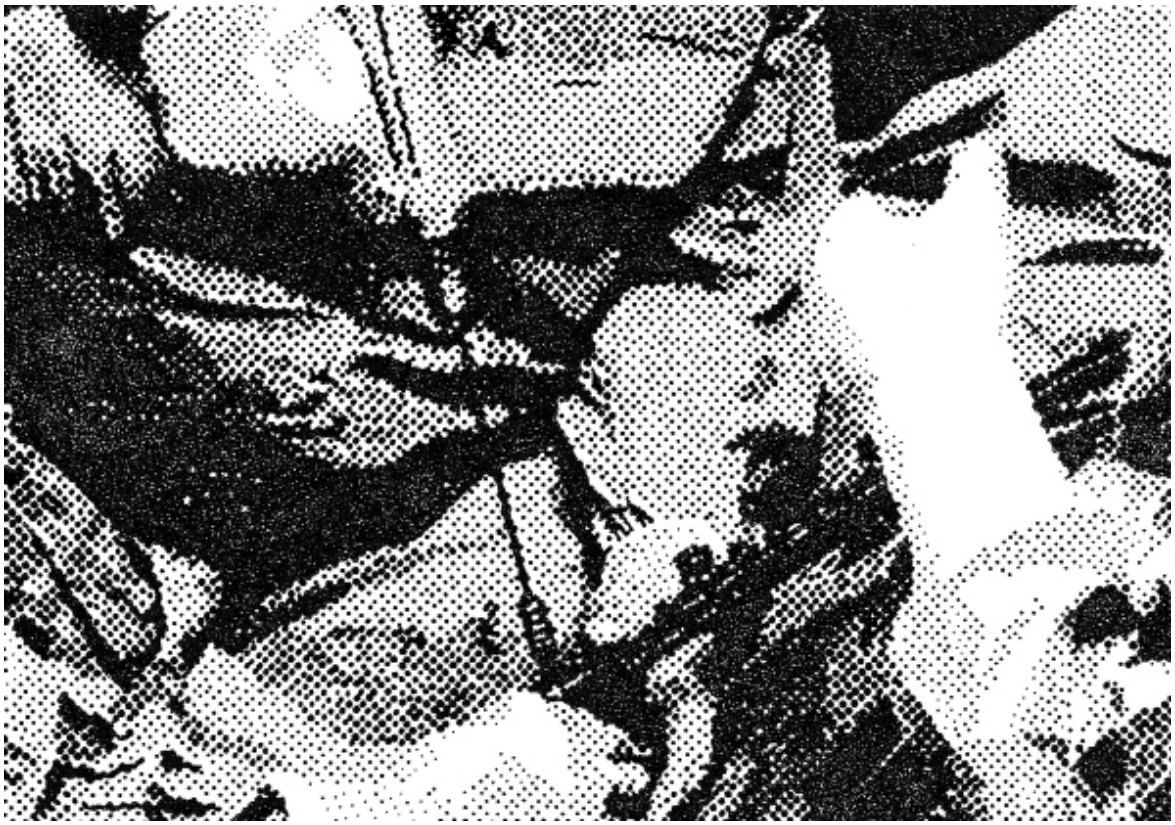
5. O Sistema (da série Mayday) 2014, Tinta da china s/ papel, 42x29,7 cm

6. Técnica e Ética-Belle (after Fallen princesses-Dina Goldstein) (da série Mayday), 2014
Tinta da china s/ papel, 29,7x21 cm

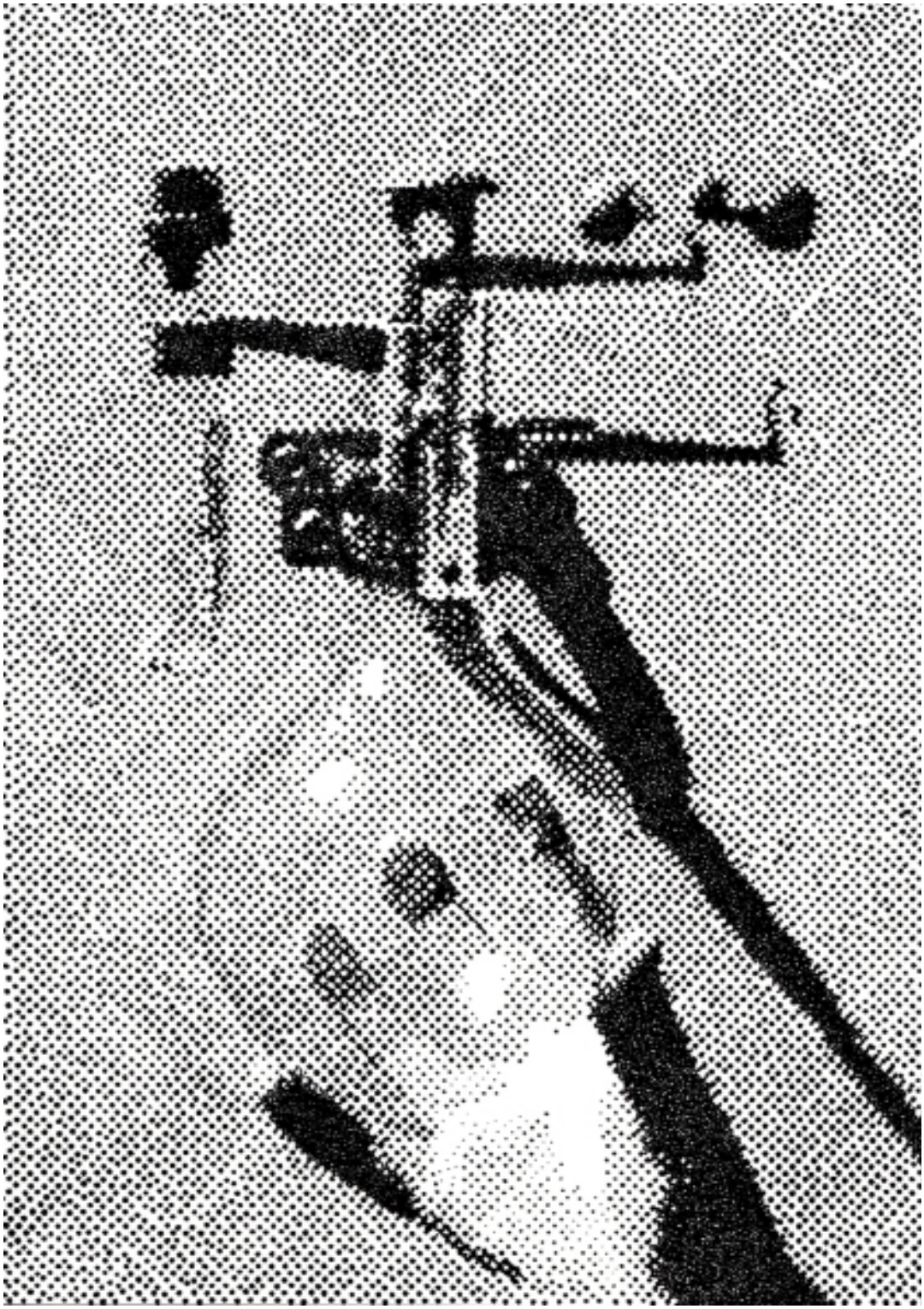
7. Técnica e Ética I (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 21x14,8 cm



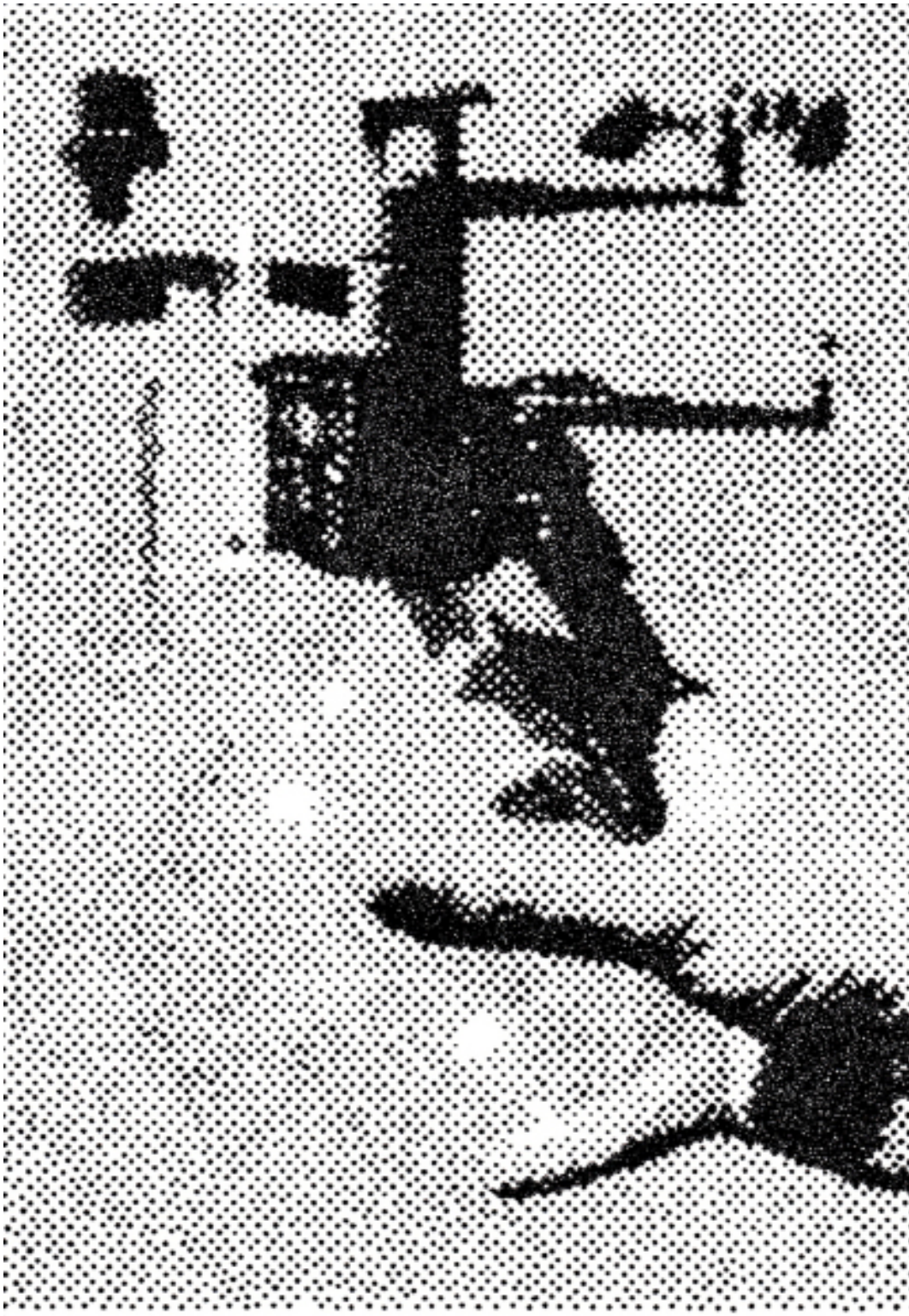
8. Técnica e Ética II (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm



9. Técnica e Ética III (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm



10. Operação meteo I (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 21x14,8 cm



11. Operação meteo II (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 21x14,8 cm

Duas imagens

Eu queria encontrar um nome que, como dizia Wittgenstein, pudesse ter em si duas qualidades distintas. Significaria isto que embora seja o lenço vermelho se houver o desejo que este fosse verde essa acção – o desejar (que seria como que um (re)nomear a coisa) – pudesse dizer da coisa que ela é vermelha mas também é verde.
E como pode a coisa ser verde e vermelha? Ou seja, como pode existir na coisa duas imagens dela tão diferentes?

Poderia dizer que é um problema de ponto de vista. Olhamos a mesma coisa, tu e eu, do mesmo ponto e sob a mesma luz, e, invariavelmente, é sempre duas coisas o que vemos. E mesmo olhando somente eu a coisa nunca dela vejo duas imagens iguais. Porque nunca a coisa é ela o mesmo que foi. E porque os nossos olhos têm *defeitos* e são esses defeitos que fazem com que realmente vejamos. É essa condição de não exactidão que faz com que não haja uma só imagem da coisa. Se a coisa só tivesse uma só imagem nunca poderia ser vista, pois não seriam os olhos a vê-la, nem sequer o indivíduo a poderia saber com os seus sonhos, sentidos, desejos e pensamentos. Por ser-lhe exterior seria imune à natureza do indivíduo, *invisível*.

12. O Grito (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 56x76 cm (detalhe)

Duas imagens que partilham um pensamento estabelecem entre si um vínculo, e ainda que dissimulado ele está, consciente ou não, como que dizendo "eu existo" e por conseguinte, "sou!".
E o espanto está em a imagem saber da sua existência. Se a imagem é (o) pensamento ele lá está a afirmar-se, em letras e títulos e noutros pensamentos dentro de outras cabeças. Mas pode a imagem não viver dentro do pensamento e estar fora dele, independente. Pode ser *vista* pelo pensamento mas é outra coisa.
Quem sabe, desta forma desejando vendo, pode a coisa ter, sem deixar de se ser a si própria, imagens de si distintas.
Não acharemos assim tão difícil que seja o céu verde e azul ao mesmo tempo (não fosse até o azul participar da forma do verde).
De certa forma as coisas, por isto que chamamos entendimento e memória, participam, com maior ou menor grau, na/da natureza umas das outras.

13. Corte clássico (da série Mayday) 2014
Tinta da china e acrílico s/ papel com textura de tela de linho, 41x33 cm

Da ima(gem)ginação

O desagregar aparente desse desenho-forma da imagem é como dizer da imagem que ela não é só o seu referente, assim como desconstruir o referente não está em destruir o vínculo da imagem com a sua origem (seja esta uma fotografia encenada, uma apropriação de outro autor, um recorte de jornal ou imagem de outro media qualquer). E ainda que com o referente haja uma relação de coisa fragmentada.
A questão primeira, e talvez seja esta a última, está em, justapondo-se estas imagens ao mesmo nível quererá isto significar que não existe uma diferença ontológica entre elas?
Todas as imagens contam uma história hipotética; nesta, entre cinismo e ironia, há um *operator* invisível (o visível é apenas um engodo) que nomeia situações que, parecendo urgentes, não têm realmente um tempo. Acontecem vezes e vezes sem conta, repetidas em milhares de outras imagens semelhantes, em geografias diversas, por vezes com outros nomes. Aparecem-nos frontalmente em horário nobre e passado algum tempo em rodapé e depois já são só uma impressão que ficou lá muito no fundo dos olhos. Desaparecem como aparecem, planas, mastigadas por um sistema de permanente e aparente necessária actualização. Condição (da imagem) contemporânea. A superficialidade surge como premissa e como solução. À violência contrapõem-se um penso rápido.

O material deslocado, desconstruído duplamente por meio do olho (pensamento), conduz-nos a uma reflexão sobre a participação do indivíduo na contemporaneidade. Não será de espantar que haja um elemento comum entre todas as imagens e narrativas – a mão que conduz, induz, corta, fabrica, enuncia. O Homem é o determinante da acção e consequentemente a determinação dessa mesma acção.

14. Bomba relógio (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 21x14,8 cm

15. Alerta (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm

16. Leftovers (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm

A simulação é a imagem. O pensamento, depois que a luz chega lá ao fundo dos olhos, encena aquilo que vê porque ver acontece ao mesmo tempo que saber.
Poder-se-ía dizer que ver é andar de simulacros em simulacros. Não porque o que vemos não seja verdade e seja algo que nos mente sobre a natureza das coisas. É mais por uma coisa tão simples como toda a visão (e conhecimento) ser uma ficção, pela impossibilidade de vermos tudo ao mesmo tempo e por isso ser o nosso campo e profundidade de visão um enquadramento. E se não vemos tudo, aquilo que vemos é uma história que o cérebro reconstitui à sua feição. E a cada conto do pensamento se lhe junta um ponto da imaginação.
A imagem não poderia ser, então, senão um processo. E nestes desenhos imagens de outras imagens, o processo de uma para a outra condensa um paradoxo de tempo. A uma imagem referente instantânea e/ou espontânea sobrepõe-se esta outra, ponto por ponto, horas, dias, semanas em que se desenrola a meada da narrativa. A natureza da imagem é ser este fio que nos transporta de um lado para o outro dessa visão primeira que fez com que de uma imagem qualquer se construísse essa outra. E essa outra acontece cortando a primeira e depois, como não satisfeito, despedaçando-a, ficando em transe numa explosão contida. A qualquer altura parece que podemos soprar sobre a folha e os pontos se levantam como poeira.

17. Operador (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 29,7x21 cm

18. Disputa (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm

19. Primeiros Socorros (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm

20. A Jangada (da série Mayday), 2014 Tinta da china s/ papel, 14,8x21 cm

Imagem sobre Imagem

(o desejo é uma simulação da vontade)

Não há aqui uma emergência de prova ou evidência. A imagem simulada – ou Imagem – é testemunha de si. Barthes disse-nos que o que está na fotografia aconteceu e isso é o mais traumático na fotografia. Porventura por o acontecido não poder ser de novo e essa inevitabilidade colocar-nos defronte da morte. Nús.

Mas em sendo a imagem ficção, em partilha da sua condição do ver, onde está então essa morte irresoluta, senhora de ossos, vermes e pó?

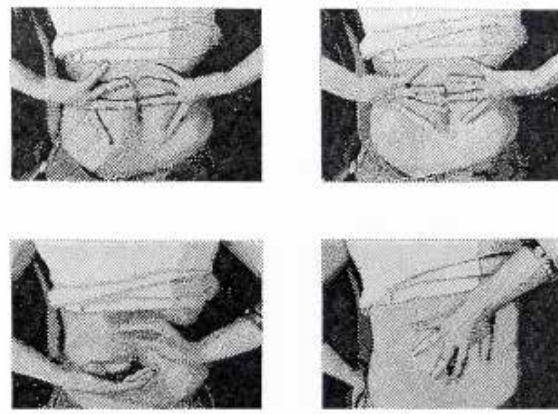
Nessa condição, d*esdentada a* Morte sem foice, poderia ao homem parecer gigante o seu Desejo. Não há morte no Desejo, apenas vontade. Ainda que de morte.

Mas o que os olhos vêem não existe sem os outros sentidos. O corpo não sente apenas a luz, ou o toque ou os cheiros e sabores das coisas. Antes de mais sente o corpo o espaço e dele faz lugar.

O Homem sim, pode, em aparência, ser a medida de todas as coisas. Mas sem coisas o que há para medir? Se ao homem apenas lhe restar a sua mão-imagem como poderá saber ele onde se situar? Se não há horizonte, chão, terra, árvore, cadeira? Se não há outros dissemelhantes como poderá saber ele quem lhe é igual? *In extremis*, como saberá ele que é homem e não artifício articulado?

A escala é um problema de condição.

21. Objectos encontrados, 2014 (detalhe)
Madeira, parafusos, Moleskine Cahier L, grafite, tinta da china, tinta acrílica, cartolina tiplex recortada, borracha, prego, cartão, papel colorido, papel de bristol, papel autocolante metalizado.
Dimensões variadas



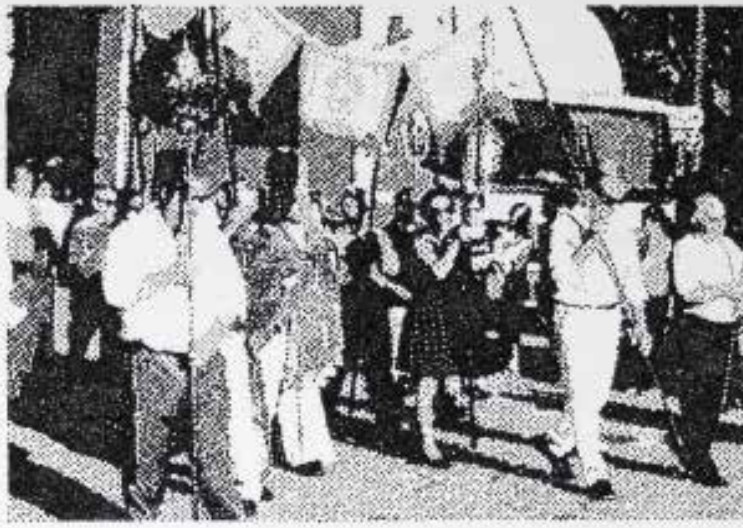
22. Press Here (da série Mayday), 2014, Tinta da china s/ papel, 56x76 cm

A imagem, ou a fotografia, não é só um olho que vê, é todo um sujeito que se desloca na temporalidade e instabilidade da sua própria percepção. As coisas adquirem outros gostos e cheiros e sabores. E o que aparenta ser definitivo por estar agarrado a uma ideia sabida da coisa se desmorona (mas também assim se edifica em engano) perante a experência nova dessa coisa. A cada experiência a percepção testa o pensamento e a memória. Porque a qualquer momento furta-se a coisa a ser aquilo que diz aos olhos e ao entendimento. E não é que esta nova coisa que se adquire diga da outra que mente. Cada vez mais me parece que realidade e verdade estão e necessitam em absoluto de estar afastados – para que o real possa efectivamente existir.

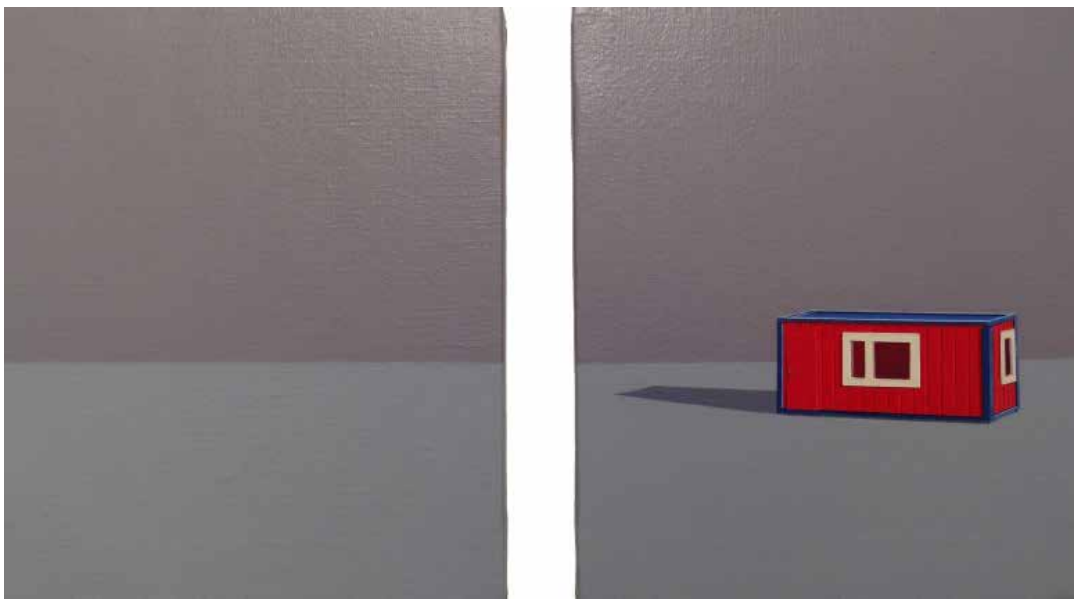
23. Palimpsesto, 2014, Acrílico s/ tela, 30x25 cm

As imagens da coisa, participando umas das outras, condensam-se como transparências que aderem camada após camada como se nelas se lessem os avanços e recuos do pensamento.
Não importa que qualidade de realidade se entrevê por entre as linhas do pensamento. Os olhos não desdenham de ser imaginada a coisa que vê. Porque eles sabem, e assim também sabe a imagem, que a *verdade* é apenas um estado transitório entre as camadas do pensamento (e do real).
E saltando de entre as profundezas da sua representação, a Imagem aí está, a rir-se e ainda que não a ouça eu sei que ela me sussurra, entre sombras e luz, *Apanha-me, se puderes.*

24. Objectos (des)encontrados, 2013
Madeira, parafusos, cortiça, Moleskine Cahier L, grafite, lápis de cor, tinta da china, tinta acrílica, cartolina duplex recortada, papel com textura de tela de linho recortado, papel autocolante metalizado.
Dimensões variadas



25. Marcha (da série Mayday) 2014, Tinta da china s/ papel, 42x29,7 cm



26.Abismo (da série Apanha-me se puderes), 2014, Acrílico s/ tela, 30x25 cm (x2)

ANDRÉ SILVA
Nasceu na Venezuela em 1980

Licenciatura em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Bolseiro do Programa Sócrates/ Erasmus na Facultad de Bellas Artes de la Universidad del Pais Vasco
Curso de Especialização em Intervenções Artísticas em Espaços Públicos e Produção de Obras Site Specfic (Universidade Lusófona)

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2014 Apanha-me se puderes, Ap'Arte Galeria de Arte Contemporânea, Porto, PT (cat)
2011 Claudicante, Sput&Nik The Window-Porto, Portugal
Em Lugar Nenhum, Galeria ACERT, Tondela, Portugal
2010 Em Lugar Nenhum, Galeria Arthobler-Porto, Portugal
Em Lugar Nenhum, Galeria Arthobler-Lisboa, Lx Factory, Portugal
2009 Virtus, Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, Portugal (cat)
2006 Dromos, Galeria 24b, Oeiras, Portugal

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (selecção)

2014 Cheia, 3ª edição, Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, Póvoa de Varzim, PT
Damage is done, Vaag Art Gallery, Lisboa PT
Home Work, Galeria Bang Bang, Lisboa, PT

2013 Projecto Assobiador, Galeria Metamorfose, Porto e Castillo de Santa Cruz, A Coruña, PT/SP (cat)

2012 Maia, Cidade em Performance 0.2, CENTR'ARTE, Maia, PT

2011 A Quatro, Galeria IPSAR - Instituto Portughese di Sant'António, Roma, IT (cat)
Maia, Cidade em Performance, Fórum Municipal da Maia, PT
MUSAO Welcome Oporto, Museum auf Abwegen Ottakring, Wien AU
Livro Mundo, Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, PT
Munich Contempo, International Art Fair Munich com a Galeria Arthobler, DE
BLOOOM Cologne, International Art Fair Munich com a Galeria Arthobler, DE

2010 Munich Contempo, International Art Fair Munich com a Galeria Arthobler, DE
Huma sorte de academia, Projecto de edição gráfica, FBAUP, Porto, PT
Arte Lisboa com a Galeria Arthobler, PT
Projecto Colector, Cinemas Medeia Filmes, Porto, PT

2009 T0, Galeria Arthobler-Porto, PT
VAB_Art_Fest, Velha-a-Branca, Braga, PT
Arte Lisboa com a Galeria Arthobler, PT
Projecto Colector, Casa Museu Abel Salazar, S. Mamede de Infesta, PT
Arte Contemporânea na Garagem da Vizinha, Maia, PT
Finalista do Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores 2009, no Chiado 8, curadoria Miguel Wandschneider, Lisboa, PT (cat)

Collection Madeira Corporate Services – Drawings: A-Z (Museu da Cidade da Lisboa), curadoria Adriano Pedrosa, Lisboa PT (cat)
Projecto Colector, Museu D. Diogo de Sousa, Braga, PT
Olhar 20-30, Galeria Paulo Amaro, Lisboa, PT

2008 Galeria Reflexus, Porto, PT
Arte Lisboa com a Galeria Paulo Amaro, FIL, Lisboa, PT (cat)
Opções & Futuros # 3 – Arte Contempo, curadoria Miguel Amado, Lisboa, PT

2007 Iniciativa X, AC – Arte Contempo, Lisboa, PT
Arte Lisboa com a Galeria Paulo Amaro, FIL, Lisboa, PT (cat)
Volta Show 03 com a Galeria Paulo Amaro, Basel, CH (cat)
Arco_Madrid Feira Internacional de Arte Contemporáneo com a Galeria Paulo Amaro, Madrid, SP (cat)

2006 Iniciativa X, AC – Arte Contempo, Lisboa, PT
Participa no Projecto ArtskoolGozSouth, programado com um itinerário do norte para o sul da Europa (Reino-Unido, França, Portugal, Espanha, Itália, Grécia), visa promover a ligação entre as escolas de arte por meio de uma exposição itinerante prevista entre 2006 e 2007 (cat)
Urbanismo: Linhas & Contornos, Galeria 24b, Oeiras, PT

2005 Arte Lisboa com a Galeria 24b, FIL, Lisboa, PT (cat)
School Out / Out of School, Galeria Novo Ciclo ACERT, Tondela, PT
School Out / Out of School, Galeria Arthobler, Porto, PT
XIII Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira, curadoria Baltazar Torres, Tuy, PT/ SP (cat)

2004 Workshop Animação de recortes e volumes sob orientação de Laurent Pouvaret (professor da Escola La Poudrière – França), Espinho, PT

2001 Jovens Artistas'01, Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, PT (cat)
Instalação, Artemosferas, Porto, PT

PRÉMIOS E MENÇÕES

2001 Jovens Artistas'01, Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, ganhou o prémio na categoria instalação e uma Menção Honrosa pelo seu trabalho de pintura, PT (cat)

2009 Finalista do Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores 2009, no Chiado 8, curadoria Miguel Wandschneider, Lisboa PT (cat)

COLECÇÕES

Fundação PLMJ, Lisboa, PT
Colecção Luiz Augusto Teixeira de Freitas – Coleção de Desenhos da Madeira, PT
Colecções privadas em Portugal, Espanha, Suíça, Alemanha, Itália e Inglaterra

Cláudia Lopes
(Textos)

Biografia

Nasci em 1982 na Maternidade Júlio Dinis no Porto. Com os olhos abertos, muito grandes.
Cresci com dois irmãos e, consequentemente rachei a cabeça mais vezes do que seria de supôr a uma menina.
Aos três anos comecei a escrever. Copiava as letras de tudo o que via, juntava-as e pensava que era assim que se escrevia.
Aprendi a ler com quase sete anos. Demorei porque não conseguia ver. Os meus primeiros óculos fizeram-me nascer de novo.
Desenhava de forma compulsiva e enquanto desenhava criava histórias, contava-as para o meu ser interior.
Soube desde os onze anos o que queria ser quando fosse grande. Hoje chamam-lhe artista, na altura não era esse o nome.

Hoje, continuo, cúmulo de todos esses anos passados e arranhões. Os olhos continuam grandes, ainda tenho óculos, as histórias que conto não sei se são tão bonitas. Continuo a sentir-me como há 29 anos atrás. Na altura comecei a escrever mas não sabia ler. Imaginava que, juntando as letras, aquelas grafias eram as palavras que realmente as significavam. Pode ser que um dia consiga perceber o verdadeiro absoluto dessa condição – o desejo e a imaginação são o pensamento. Tudo o resto são acessórios para que o pensamento se faça entender.

http://claudiarochalopes.blogspot.pt

AGRADECIMENTOS:

AP'ARTE Galeria e todos os seus colaboradores

Cláudia Lopes

Catarina Vaz
http://catarinavaz.com/

FICHA TÉCNICA

Coordenação e Produção: Maria de Fátima Paupério
Assistente de Produção: Cátia Brandão
Fotografia do artista: Fernando Rocha
Montagem da exposição: Maria de Fátima Paupério
Design Gráfico: Cátia Brandão
Execução gráfica: LiderGraf Sustainable Printing
Edição: AP'ARTE – Galeria de Arte

Publicado por ocasião da exposição de **André Silva,** *Apanha-me se puderes* realizada pela **AP'ARTE Galeria**, de 20 de Setembro a 1 Novembro de 2014.

AP'ARTE
GALERIA DE ARTE

Rua Miguel Bombarda, 221
4050-381 Porto-Portugal
t: 351 220 120 184/5
f: 351 220 120 186
e: geral@apartegaleria.com
w: www.apartegaleria.com